

feitaria Cailteau, era ponto de encontro dos homens de letras do tempo; além dos de casa, que eram Quintino Bocaiuva, Salvador de Mendonça, Ferreira de Menezes, Luís Barbosa da Silva, lá iam freqüentemente Joaquim Serra, Francisco Otaviano, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Caetano Filgueiras e, uma ou outra vez, José de Alencar, que escrevia para a folha o romance de costumes *Til*. Sem falar num conversador simpático, calvo, de fartos bigodes, que era o poeta chileno Guilherme Blest Gana, ministro da sua pátria. Senão entre os freqüentadores, entre as relações de boa camaradagem da *República* estava a redação do *Mosquito*, ali assim pelas alturas da rua dos Ourives, se me não falha a memória, costumava-se reunir o grupo de alegres companheiros — Henrique Chaves, Abranches Galo, Manuel Carneiro e o seu compadre Oliveira dos Santos, e um humorista português que, segundo penso, era Eduardo Garrido. Havia, então, certas noites, um grande *ponche*, com palestra em redor, para o qual se convidava, com a fantástica denominação *exposição de feras*. O calouro de imprensa, que eu era com os meus dezoito anos de idade e o curso de Direito interrompido, fazendo a cozinha na redação da *República*, achava uma requintada delícia intelectual aquele convívio de gente nova e quase ilustre, de bom humor e de bons dias”.

A *Reforma*, em 1873, atravessa uma fase vibrante, sob a direção de Joaquim Serra que, com a sua prática do ofício e o sentimento libertário que sustentou até à morte, coloca o jornal entre os mais lidos da Corte. É ele quem acolhe na redação o conterrâneo Artur Azevedo. O teatrólogo maranhense guardou bem o episódio: “Atravessei a rua do Ouvidor muito disposto a conquistar o futuro naquele mesmo dia. Quando cheguei ao Largo de São Francisco, tinha efetivamente conquistado alguma coisa: o lugar de revisor e tradutor dos folhetins da *Reforma*, que se imprimia no prédio em que hoje está a *Gazeta da Tarde*. A minha fortuna foi encontrar Joaquim Serra à porta do edifício. A esse ilustre maranhense, que escondia um coração de ouro sob um aspecto rebarbativo, devo o primeiro pão que ganhei no Rio”⁽¹³⁷⁾. A *Reforma* contava, então, com a pena de Rodrigo Otávio, de José Cesário de Faria Alvim e vários outros; contava, fundamentalmente, com Joaquim Serra. E era preciso alguém de mão firme, pois que a época era conturbada: o andamento do projeto que se tornou Lei do Ventre Livre, em 1871, foi tormentoso; o escravismo ameaçado usou todos os processos, ainda os mais torpes, inclusive o de acusar de comunista a Paranhos, para impedir a sua aprovação. Em 1872, irrompeu o choque com os bispos D. Antônio de Macedo e D. Vital de Oliveira,

(137) R. Magalhães Júnior: *Artur Azevedo e sua Época*, 2ª ed., S. Paulo, 1955, pág. 24.